

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO  
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**OS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: UMA  
PROPOSTA DE ATENDIMENTO**

**MARCELA RÚBIA TOZATO**

ORIENTADORA: MERCEDES VILLA CUPOLILLO

BRASÍLIA/2011

**MARCELA RÚBIA TOZATO**

**OS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: UMA  
PROPOSTA DE ATENDIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em  
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,  
do Depto. De Psicologia Escolar e do Desenvolvimento  
Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientador (a): Mercedes Villa Cupolillo

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARCELA RÚBIA TOZATO

# **OS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ATENDIMENTO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16 / 04 /2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

MERCEDES VILLA CUPOLILLO (Orientador)

ALIA MARIA BARRIOS GONZÁLEZ NUNES (Examinador)

MARCELA RÚBIA TOZATO (Cursista)

BRASÍLIA/2011

Dedico a todas as pessoas que acreditam e fazem acontecer às ações no cotidiano, em torno da Educação Especial numa perspectiva da Educação Inclusiva.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, o meu guia espiritual, que está sempre presente na minha caminhada diária, meu muito obrigada;

A minha família, meu esposo Robson e minhas filhas Rúbia e Maria Clara, pelas minhas ausências e assim pelo entendimento dessas ausências, eu amo muito vocês;

As minhas colegas de trabalho da SEME, Paschoa, Daise, Giovanna e Terezinha, e em especial a secretária de educação de Linhares-ES, Ana Maria Paraíso Dalvi, pela oportunidade que me proporcionou em experienciar uma coordenação de Educação Especial, no ano de 2009 e 2010 e agora pela autonomia dessa proposta de identificação e atendimento aos alunos com AHSD, o meu muito obrigada;

As minhas amigas Geovanete e Cacia que estão sempre me oferecendo suporte de trabalho, de diálogo, de desabafo, obrigada por vocês existirem e fazerem parte da minha vida;

As minhas tutoras Edna Maria Marques Bonomo, Alia Maria Barrios González Nunes e Mercedes Villa Cupolillo, pelas mensagens via email de orientação, de cobrança, de presença, de amizade, aprendi muito com curso e com a presença de vocês, desculpe pelos atrasos, o meu muito obrigada, a vocês três.

As pessoas que marcaram a história por suas contribuições ao conhecimento e à cultura não são lembradas pelas notas que obtiveram na escola ou pela quantidade de informações que conseguiam memorizar, mas sim pela qualidade de suas produções criativas, expressas em concertos, ensaios, filmes, descobertas científicas, etc. (Renzulli e Reis, 1985, *apud* VIRGOLIN, 2007, p. 39)

## RESUMO

Atualmente vivencia-se uma nova fase na esfera da Educação Especial, vinda com a Nova Política de Educação Especial numa perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que referencia entre outros a importância da construção de práticas educacionais para os alunos com altas habilidades/ superdotação. Portanto, o sentido maior desse trabalho é de propor a Secretaria Municipal de Educação de Linhares a construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidades/ Superdotação. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e baseada na pesquisa-ação, através da entrevista não estruturada. As instituições pesquisadas foram o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação (NAAH/S), e da Associação Brasileira para Altas Habilidades/ Superdotação (ABAHSD), todos dois situados em Vitória, capital do Espírito Santo. Podemos dizer que para desenvolver essa proposta foi necessário das práticas, já existentes, além do aprofundamento teórico e este último foi de grande valia, para uma proposta muito mais estruturada.

Palavras-chave: Alunos com Altas Habilidades/ Superdotação; Atendimento; Identificação.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>  | <b>09</b> |
| <b>O INDIVÍDUO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....</b>  | <b>13</b> |
| 1.1- Um pouco da história.....  | 13        |
| 1.2 – A legislação brasileira.....  | 15        |
| 1.3 – Características do aluno com altas habilidades/ superdotação.....   | 20        |
| 1.4 – Alguns Conceitos.....   | 25        |
| <b>OBJETIVOS.....</b>   |           |
| <b>METODOLOGIA.....</b>   | <b>30</b> |
| 2.1- Fundamentação Teórica da Metodologia.....  | 30        |
| 2.2- Contexto da Pesquisa.....  | 31        |
| 2.2.1 LINHARES.....   | 31        |
| 2.2.2 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA ALTAS HABILIDADES/<br>SUPERDOTADOS (ABAHSD).....   | 32        |
| 2.2.3 NÚCLEO DE ATIVIDADES DE ALTAS HABILIDADES/<br>SUPERDOTAÇÃO (NAAH/S).....  | 34        |
| 2.3 - Participantes.....  | 34        |
| 2.4 - Materiais.....  | 34        |
| 2.5 - Instrumentos de Construção de Dados.....  | 34        |
| 2.6 - Procedimentos de Construção de Dados.....   | 35        |
| 2.7 - Procedimentos de Análise de Dados.....  | 36        |
| <b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>  | <b>37</b> |
| 3.1 - Resultados e discussão da Entrevista.....   | 37        |
| 3.2 - Plano de Ação.....  | 44        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>47</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>48</b> |
| <b>APÊNDICES</b>  |           |
| A - Projeto do curso de formação de professores para construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/ superdotação. |           |
| B - Cronograma do Plano de Ação.  |           |
| <b>ANEXOS</b>   |           |
| ANEXO A - Os ingredientes de superdotação segundo Renzulli.   |           |
| ANEXO B - Modelo multifatorial da superdotação de Mönks (apud Alencar; 1996).   |           |
| ANEXO C - Sistema Interativo de Superdotação – LANDAU.  |           |
| ANEXO D – FICHA DE VOLUNTÁRIO.  |           |



## APRESENTAÇÃO

O Brasil vem participando do esforço internacional, preconizado em 1991, pela Organização das Nações Unidas (ONU), de construir uma sociedade para todos. Uma das ações da instituição educacional é o projeto estratégico de inclusão, cuja proposta pedagógica se fundamenta, entre outras atitudes, no respeito ao potencial de cada um e na adoção de abordagens centradas no aluno.

Com todo o avanço científico e tecnológico da humanidade, é no ser humano que está à esperança de melhoria para a humanidade. A contribuição criativa de profissionais talentosos advém do fato de eles saberem definir, com precisão, e antecipadamente, temas fundamentais para o avanço da ciência e da sociedade, prevendo problemas, rompendo barreiras e buscando formas de investigação mais produtiva.

De acordo com Alencar (2001), as organizações do século XXI serão viáveis, sobretudo, pela participação de pessoas com potencialidade para gerar e gerenciar a produção de conhecimento e transformá-lo, alcançando resultados inovadores. São profissionais que sabem romper os condicionamentos culturais e, nas empresas, poderão transformar os cenários de forma a alcançar objetivos estratégicos prospectivos.

Assim, desenvolver talentos é, segundo MEC/ SEESP (BRASIL, 1999), ao mesmo tempo, um investimento social e uma responsabilidade coletiva. É preciso dar parcelas de contribuições para identificar esses talentos, ainda em fase escolar, proporcionando-lhes estimulação, enriquecimento e autoconhecimento. Isso implica contribuir para o desenvolvimento de potencialidades emergentes e de novas habilidades requeridas pela sociedade atual e futura. As questões pedagógicas inerentes às pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AHSD) são de responsabilidade do âmbito educacional.

Entretanto, apesar de vários estudos e legislações específicas sobre o tema, observa-se ainda a precariedade da identificação e do atendimento aos alunos com

AHSD. Ignorados, esses talentos na maioria das vezes, não se manifestam, o que significa, sem dúvida, uma perda significativa de potencial humano.

Percebe-se que o município de Linhares, vem ao longo do tempo se organizando em relação aos aspectos legais e metodológicos da educação especial, no que se refere aos alunos com deficiência e com transtornos globais do desenvolvimento, mas não há nenhum tipo, nem de identificação e nem de atendimento aos alunos com AHSD.

Anjos (2006) desenvolveu uma pesquisa, com o objetivo maior, de verificar se os professores identificam e atendem de forma “coerente” os alunos com AHSD no município de Linhares-ES. Chegou às seguintes conclusões:

1. Apesar de as políticas de educação inclusiva contemplar a perspectiva de atendimento aos alunos com altas habilidades/ superdotação, isso ainda não se tornou uma realidade no sistema de ensino do município de Linhares.
2. Os projetos existentes são poucos e sem amplitude, atingindo populações pequenas para atendimento.
3. Os professores das diversas redes de ensino têm elevado desconhecimento das características dos alunos com altas habilidades/ superdotação.
4. Existe uma negligência ou repúdio em aceitar a possibilidade de esses alunos estarem presentes nas salas de aula, isso decorre do não conhecimento do que é considerado aluno com altas habilidades superdotados, ficando a crença de que só pessoas com “Einstein” seriam consideradas com essas características.
5. No entanto, percebe-se que se não há conhecimento teórico-prático sobre o assunto, não há a perspectiva em relação à inclusão desses indivíduos na rede educacional de ensino linharensense. Esses alunos estão sendo excluídos do âmbito educacional sem nenhuma escuta. Observa-se a importância da criação de um grupo de estudo em torno desses alunos, sugerindo propostas educacionais mais efetivas e de apoio às famílias.
6. Por fim, recomenda-se a uma preparação efetiva dos professores e uma disseminação maior da teoria da superdotação, mostrando os limites e possibilidades para se trabalhar com alunos com altas habilidades/ superdotação. (ANJOS, 2006, p. 64)

Esta pesquisa apesar de ser do ano de 2006, pode ser considerada como significativa para a realidade atual do município de Linhares, pois recentemente com os dados do censo escolar 2009/2010, nenhuma escola municipal reconheceu alunos com AHSD. Isso revela questões sérias, uma vez que eles dependem dessa identificação para poder ter o atendimento educacional especializado. Como Guenther (2006, p. 13), explícita

Em um balanço realístico dos maiores problemas atuais, como narcotráfico, corrupção, terrorismo, crime organizado, exploração de pessoas e grupos marginalizados, vamos encontrar muito talento investido nessas atividades destrutivas. Quanta criatividade, inteligência, liderança, capacidade geral são desviadas para ações contra a sociedade e

contra os próprios indivíduos envolvidos. A ausência de valores claros e a aceitação implícita e indiferenciada do “certo” e do “errado”, do “bem” e do “mal”, deixa espaço para que valores nebulosos venham orientar e desenvolver essa capacidade e talento, desviando para direções contrárias ao bem-estar comum e à melhoria da humanidade.

A questão em torno do desvio da utilização da potencialidade contra a humanidade é um risco a toda uma sociedade, e é na instituição formal da educação, a escola, que precisa se organizar para modificar essa realidade tão atual e cruel. Essa organização se dá através da adoção de procedimentos de identificação e atendimento para alunos com AHSD, possibilitando a melhoria da qualidade de ensino, na perspectiva de atendimento à diversidade, com base na proposta de uma “escola para todos”.

A indagação sobre as práticas educacionais dos alunos com AHSD ocorreu desde a lei de diretrizes e bases da educação (LDB), lei de Nº 9394/96, quando foi citada a importância do trabalho diferenciado com esse tipo de aluno. Qual o motivo de um aluno com AHSD precisar de um trabalho diferenciado? Por que ele está dentro da modalidade da educação especial? O que é especial neste tipo de aluno? Os questionamentos foram sendo feitos e buscados através de bases teóricas, quebrando paradigmas e mitos existentes no cotidiano. Mas observa-se que na ação cotidiana nada era feito, eles continuavam sem atendimento, sem um olhar diferenciado. E no dia a dia dos espaços escolares esses alunos davam indícios de AHSD, e a minha angústia aumentava, era preciso fazer algo, como fica claro nas palavras de Saviani:

O homem já se descobre agindo no mundo e, na medida em que a sua ação se torna problemática, ele sente necessidade de refletir. Entretanto, ele não reflete pelo puro gosto de refletir. Sua reflexão tem por objetivo fazer com que a ação deixe de ser problemática (SAVIANI, 1973, p. 69).

No ano de 2009, fui convidada pela secretária de educação para fazer parte do setor de educação especial, na SEME, e dentre outras ações pude começar a pensar sobre as práticas educacionais destes alunos. Fiz um curso de Atendimento Educacional Especializado (AEE), na modalidade à distância, pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, no ano de 2009, onde junto com a minha colega Cácia S. Bolzan fizemos um plano de ação para uma proposta de AEE, para os alunos com AHSD; ainda neste ano, participei do IV Seminário Estadual para a Inclusão das Pessoas com Altas Habilidades/Superdotadas, que teve como objetivo divulgar pesquisas na área de Altas Habilidades/Superdotação e discutir práticas

para o desenvolvimento do talento com a finalidade de aprimorar as ações educacionais, promovido pela ABAHSD; também participei como formadora dos encontros de pedagogos das escolas municipais, onde trabalhei sobre as altas habilidades/ superdotação em 4 encontros, o material utilizado foi “a construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/ superdotação, volume 1 e 2”. Em 2010 o trabalho com AHSD, só ficou no papel. No decorrer do ano vigente, agora com uma nova coordenadora da Educação Especial, minhas atividades na SEME vão se restringir a apresentação da proposta que desenvolverei a partir de uma pesquisa-ação.

Portanto, este trabalho tem como foco principal propor à Secretaria Municipal de Educação de Linhares a Construção de Práticas Educacionais para alunos com Altas Habilidades/ Superdotação.

Como objetivos específicos:

- Conhecer a proposta de identificação e atendimento do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação (NAAH/S), e da Associação Brasileira para Altas Habilidades/ Superdotação (ABAHSD), todos dois situados em Vitória, capital do Espírito Santo;
- Implementar estratégias para a identificação e atendimento das pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação;
- Viabilizar espaço e recursos humanos para o funcionamento do Centro de Referência para Pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação.

A partir da pesquisa citada, esse trabalho monográfico foi estruturado como a seguir:

- No capítulo um apresentamos a fundamentação teórica, articulando aquilo que já foi construído teoricamente sobre os alunos com AHSD, buscando entrelaçar as teorias existentes e aproximar para aquela que é mais viável para a realidade que a pesquisa se propõe;
- No capítulo dois são apresentados os objetivos mais explanados do que na apresentação, pois são eles que costuram de forma coerente e coesa toda a pesquisa;
- No capítulo três apresentamos a metodologia, o caminho percorrido para alcançar o objetivo geral.

- No capítulo quatro são discutidos e analisados os resultados
- No capítulo cinco chegamos a algumas considerações sobre a proposta

## O INDIVÍDUO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

### 1.1- Um pouco da história

Como o auxílio de teóricos, percebe-se que ao longo da história, as pessoas com AHSD, foram sendo excluídas da sociedade e do âmbito escolar, pelo não-conhecimento. Quando um assunto não é investigado sistematicamente, quase sempre se criam pré-conceitos a seu respeito. E assim, também ocorreu/ocorre com as pessoas que demonstravam/ demonstram ter um “potencial maior”.

De acordo com Alencar (2001), na idade medieval, acreditava-se, que as pessoas dotadas fossem “homens-anjo”, que recebiam dos céus poderes especiais, pelo fato de suas idéias estarem sempre à frente de seu tempo, muitos eram simplesmente dados como loucos e chegaram a ser queimados.

Ao longo dos tempos, determinados pensadores, perceberam que algumas pessoas possuíam potencial superior ao da média. Waddington (*apud* Alencar, 2001) relata que o chinês Confúcio (551-479 a.C.) foi, provavelmente, o primeiro filósofo a defender a necessidade de identificar crianças com habilidade superior e encaminhá-las à corte, onde recebiam tratamento especial e, assim, desenvolviam seus talentos.

De acordo com Antipoff (1992), só a partir do séc. XIX, com o surgimento das ciências humanas, mais especificamente a psicologia, o estudo da superdotação ganhou status de cientificidade. Este fato ocorreu devido aos estudos sobre “inteligências humanas”.

No século passado, com a intensificação das ciências, das informações e comunicações, “graças” ao advento das novas tecnologias e à globalização, o mundo teve mudanças rápidas. Todos os setores sociais precisaram adequar-se à nova realidade. Não mais predominou a mecanização nas ações humanas, e sim o aprendizado de forma inovadora e criativa.

As rápidas transformações econômicas requerem uma formação técnico-científica básica e o acesso a um saber universalizante. Requer-se não mais um trabalhador robotizado, que consiga executar uma seqüência de

operações mecânicas, privilegiando atividades sensório-concretas, mas sim um trabalhador que possa executar atividades de abstração, com capacidade analítica que dê conta de linguagens diversificadas. Mais do que aprender a fazer, ele deve ser formado para aprender a aprender. (PRETI, 2000, p. 20)

As mudanças nos contextos que compõem a humanidade fizeram surgir um novo paradigma mais adequado às novas exigências dos sistemas produtivos. Assim, este novo paradigma deve atender a um ambiente altamente competitivo, em que os indivíduos disputem posições continuamente sob a ameaça de serem lançados à margem da sociedade. Neste contexto, algumas concepções teóricas tiveram uma significativa importância.

Dentre estas, cita-se a preconizada pelo sociólogo suíço Phillipe Perrenoud (1997), doutor em Sociologia e Antropologia e especialista em práticas pedagógicas e instituições de ensino. Perrenoud propôs uma avaliação formativa, uma pedagogia diferenciada que contribuísse para o desenvolvimento de competências, como prioridade para a inserção na sociedade moderna.

Se o foco da aprendizagem é o “indivíduo coletivo”, a mudança no conhecimento e no espaço por onde ela trafega, o seu manejo criativo e crítico, como desenvolver no indivíduo a capacidade de construir conhecimento? Como levá-lo a aprender a aprender, a aprender a pensar, a saber construir a sua própria linguagem e se comunicar, a dominar os instrumentos eletrônicos, a informação e o conhecimento para ser capaz de viver e conviver num mundo em transformação? Como preparar o indivíduo para conviver melhor consigo mesmo, com a sociedade e com a própria natureza? (MORAES, 1998, p. 199)

Na mesma linha de pensamento evidenciada por Moraes, Jacques Delors (2000) é o segundo teórico citado, pois sua pedagogia propõe uma educação centrada em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a viver com os outros e aprender a ser. O indivíduo não deve ser mais um mero depósito de conhecimentos com a função de reproduzir e perpetuar a ideologia vigente. Ele tem que construir seu próprio saber, o que implica necessariamente atuar em seu contexto social.

Dentro desta perspectiva de construção do conhecimento, Edgar Morin (2001) preconiza sete saberes necessários à educação do futuro: as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão, princípios do conhecimento permanente, ensinar a

condição humana, ensinar a identidade terrena, enfrentar as incertezas, ensinar a compreensão e a ética do gênero humano.

Howard Gardner (2011), psicólogo americano, apresentou uma teoria em que propôs que o ser humano possui um conjunto de sete inteligências: lógica-matemática; lingüística; espacial; corporal-cinestésica; interpessoal; intrapessoal e musical. Ainda estuda uma oitava inteligência, a naturalista, associada à capacidade humana de reconhecer objetos na natureza. Assim, desmistificou a existência de um saber único e necessário para o sujeito desempenhar uma função em seu contexto social. A idéia de inteligente ganha novos significados. Inteligente não é mais aquele que pretensamente sabe mais e que apresenta boas notas na escola, mas que sabe atuar com desenvoltura, crítica e criativamente.

A partir da década de 80 do século passado, novas teorias sobre inteligência ampliam a visão sobre superdotação e, na década de 90, as pesquisas cognitivas foram enriquecidas com o desenvolvimento das neurociências. A relação entre psicologia cognitiva e neuropsicologia se estreita e a interface entre o cérebro e o comportamento humano é cada vez mais investigada. As teorias de processamento da informação substituem as visões mais estáticas da inteligência humana, definida na psicométrie como aptidões ou quocientes de inteligência estáveis da mente [...]. (SIMONETTI, 2010, p.17)

No Brasil, Helena Antipoff foi precursora nas pesquisas sobre altas habilidades, além de contribuir para a formação de muitos pesquisadores e professores. Do ponto de vista científico, contribuiu grandemente com seus artigos, entrevistas e livros. A semente por ela lançada germinou e continua produzindo bons frutos por meio de seu filho Daniel Antipoff e de uma grande legião de profissionais que deram continuidade às suas pesquisas. (ALENCAR, 1996). E no ano de 1938, em parceria com a Sociedade Pestalozzi, ela começou a atender crianças com altas habilidades, as quais chamou de “bem-dotadas” (ANTIPOFF, 1992).

## **1.2 - A legislação brasileira**

No aspecto legal, A Lei de Diretrizes e Bases de 1971 (5.692/71) já ressaltava a necessidade de um atendimento especial para alunos com habilidade superior. Assim dizia a lei em seu artigo 9º:



Os alunos que apresentarem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrarem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados (*grifo nosso*) deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

No mesmo ano de promulgação da lei, o atendimento aos superdotados recebeu um novo impulso. Os interessados no tema se reuniram no primeiro seminário sobre superdotado no País, defendendo o diagnóstico precoce, a organização de um sistema educacional voltado para esse público, a formação de pessoal para realizar o atendimento e a adoção do conceito operativo de superdotado (ALENCAR, 2001).

Faz parte da evolução do atendimento ao superdotado a criação do Centro Nacional de Educação Especial, que passou a dar apoio maior a todas as iniciativas de educação desse público no País. Em 1975, foi implantado, no Distrito Federal, o atendimento a esse alunado. Em 1978, foi criada a Associação Brasileira para Superdotados, com seccionais em vários estados. (GÜENTHER, 2000).

Em 1987, o Conselho Federal de Educação publica o documento *A Hora do Superdotado*. Segundo Alencar (2001), este documento apresentava

[...] princípios básicos da educação especial, critérios e métodos para a identificação do superdotado, diferentes modalidades de programas, definição de superdotado proposta para o País, além de incluir várias recomendações relativas ao atendimento ao superdotado. (ALENCAR, 2001, p. 171).

Onze anos depois, em 1996, a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC/ SEESP) realizou um congresso internacional para debater assuntos relacionados à Superdotação. Além de apoiar outros eventos nessa área, no mesmo ano em que foram lançadas as diretrizes para atendimento aos alunos superdotados. (BRASIL, 1999).

Na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) nº 9.394/96 observa-se um capítulo inteiro (V) dedicado à Educação Especial e alguns artigos que tratam especificamente da questão do *superdotado*. Destacam-se alguns trechos para melhor compreensão:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais (grifo nosso).

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados (grifo nosso);

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora (grifo nosso).

Percebe-se que a LDB usa a terminologia *superdotado* e *habilidade superior* para referir-se às pessoas que chama no art. 58, como portador. A questão em torno da terminologia “portador”, causa estranheza muitos teóricos, pois como afirma (MINTO, 2002, p. 20)

[...] causa preocupação o uso dos termos *portadores* [...]. *Portador* traz implícita a idéia de carregar algo que, por ser “especial”, não cabe no “lugar-comum”. Pode reforçar a idéia de excluir o diferente ao pressupor uma “falta” que, talvez, exceda muito sua própria dimensão. É como se havendo pane ou restrição de uma função humana – visão, movimento, audição, diferença no ritmo de apreensão de conhecimentos etc. -, também faltasse um “atributo essencial da normalidade”.

Foi a partir de 1998, com a publicação dos “Subsídios para a Educação Especial do Brasil”, que o termo portador de altas habilidades foi substituído pela terminologia pessoa com altas habilidades, pois, acima de tudo, quem possui muitas aptidões é uma pessoa, daí a justificativa para a mudança.

Nesta pesquisa a terminologia utilizada é de alunos com altas habilidades/superdotação.

Os termos “pessoa com altas habilidades” e “superdotação” são mais apropriados para designar aquela criança ou adolescente que demonstra sinais ou indicações de habilidade superior em alguma área do conhecimento, quando comparado a seus pares. Não há necessidade de ser uma habilidade excepcional para que este aluno seja identificado. (VIRGOLIN, 2007, p. 11)

Em 1989, por meio da SEESP/ MEC, o Governo Federal publicou o novo documento para apresentar as políticas educacionais para a educação desses alunos. Entre as

políticas destaca-se a grande contribuição do processo de inclusão por essa secretaria, capacitando os docentes do ensino fundamental da rede pública, com a criação dos documentos: superdotação e talento volume I e II, no ano de 1999.

No ano de 2005 a SEESP, com o objetivo de apoiar os sistemas de ensino, implementou em parceria com as Secretarias de Educação em todas as Unidades da Federação, os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S. Esses núcleos estão organizados com salas para atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, oportunizando o aprendizado específico e estimulando suas potencialidades criativas e seu senso crítico, com espaço para apoio pedagógico aos professores e orientação às famílias de alunos com altas habilidades/superdotação.

No ano de 2006, a SEESP/ MEC, lançou o livro de formação continuada para os professores, intitulado “Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/ superdotação. No ano de 2007, a SEESP/ MEC, lança 4 fascículos para trabalhar altas habilidades/ superdotação, o primeiro com o título altas habilidades/ superdotação: encorajando potenciais, que seria uma introdução para o volumes a seguir: volume 1: Orientação a Professores; volume 2: atividades de estimulação de alunos e o volume 3: O Aluno e a Família. Um material riquíssimo com muito conhecimento sobre os alunos com AHSD.

Vários anos se passaram desde então e as manifestações foram sendo expostas, como declarações, legislações, resoluções, decretos, etc. Mas o marco veio com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE) no ano de 2008, onde segue várias determinações relacionadas à Educação Especial (EE), dentre essas a primordial é que,

Os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, os com transtorno globais do desenvolvimento e os com altas habilidades/superdotação nas escolas comuns do ensino regular e ofertar o atendimento educacional especializado – AEE, promovendo o acesso e as condições para uma educação de qualidade.

Diante de todas essas mudanças legislativas o ambiente escolar teve que começar a repensar sobre as suas práticas e assim modificar as estruturas existentes em relação à EE e ao cotidiano escolar.

Neste início de século, coloca-se a necessidade da desconstrução de velhos paradigmas, assim como se faz necessário o oferecimento de elementos que ocupem este lugar. Nesta perspectiva,

[...] as salas de recursos multifuncionais constituem-se espaços importantes para a construção deste novo modelo, pois, ao oferecer o atendimento educacional especializado aos alunos com necessidades educacionais especiais, favorece a reflexão do corpo docente sobre seu cotidiano pedagógico nas salas de aula e promove as modificações e as inovações necessárias para que as singularidades dos alunos sejam valorizadas e respeitadas. (FREITAS, 2009, p. 5)

Sabe-se que a concepção de inclusão vai além da mera permanência física do aluno na escola, abrangendo a aceitação das diferenças e providenciando meios que garantam a sua permanência. Essa concepção rompe paradigmas instituídos e promove o desenvolvimento do potencial de todos os alunos, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades. Tal abordagem impõe transformações importantes no funcionamento do sistema educacional, uma vez que a escola inclusiva está aberta para criar condições educacionais para todos os alunos, e não, somente para aqueles com necessidades educacionais especiais (RIO GRANDE DO SUL, 2002).

Cabe destacar neste processo de transformação dois pontos importantes: os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem dos alunos e a formação de professores. Em relação ao primeiro ponto, é prioritário romper com a concepção de que todos aprendem da mesma forma, com as mesmas motivações, no mesmo ritmo e através dos mesmos canais de aprendizagem. Tal entendimento é massacrante, tanto para professores, quanto para alunos. Para os professores, porque, em princípio, é objetivo de todos que seus alunos tenham as melhores condições de aprendizagem. Para os alunos, porque um ensino que não respeita suas singularidades acaba por desmotivá-los, seja porque está muito aquém de suas potencialidades ou lhe exige um conhecimento que ainda não está maduro.

Sabe-se que a inclusão é algo que deve ser almejado e procurado por toda a sociedade. A integração é algo que pode ser determinado legalmente, a inclusão não, ou pelo menos, como processo, não se efetiva senão de forma espontânea por decisão e vontade dos próprios sujeitos. Esta ação escolar pode tornar-se inviável na medida em que faltem informações sobre o que a inclusão pretende, em que ela pode favorecer tanto os sujeitos-alvo, como a sociedade.

No ano passado SEESP MEC, lançou uma coleção “a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, com discussões do público alvo da educação especial e dentre eles no volume 10, sobre as altas habilidades/ Superdotação. Observa-se que a SEESP MEC, vem oferecendo subsídios teóricos para que as secretárias estaduais e municipais de educação, venha se organizado em torno dessa nova política. Vale ressaltar que todo estes materiais, aqui citado, é de linguagem acessível a todo o profissional de educação; isso se torna relevante, uma vez que o conhecimento do assunto torna-se menos excludente a ação pedagógica com o aluno superdotado.

Diante de todas essas mudanças observa-se a preocupação da SEESP em identificar e atender os alunos com AHSD.

### **1.3- Características do aluno com altas habilidades/ superdotação**

De modo geral, a AHSD se caracteriza pela elevada potencialidade de aptidões e habilidades, evidenciadas nas diversas áreas de atividade do aluno. Contudo, é preciso que haja constância de tais aptidões ao longo do tempo, além de expressivo nível de desempenho na área de superdotação. Registram-se, em muitos casos, a precocidade do aparecimento das habilidades e a resistência dos indivíduos aos obstáculos e frustrações que se colocam ao seu desenvolvimento.

Crianças e jovens ainda estão em processo de desenvolvimento e muitas vezes, apesar de sua precocidade, não efetivam todo o seu potencial. Nessas fases da vida, geralmente, apenas começam evidenciar suas altas habilidades. (ALENCAR, 1996).

Sabe-se como profissionais de educação, a importância de se compreender, pelo menos as principais características que esse aluno poderá manifestar. São pistas de que ele possui de altas habilidades. Essas características são expostas pelo MEC/SEESP (BRASIL, 1998), aqui colocadas resumidamente:

- grande curiosidade a respeito de objetos, situações ou eventos, com envolvimento em muitos tipos de atividades exploratórias;
- auto-iniciativa, tendência a começar sozinho as atividades, a perseguir interesses individuais e a procurar direção própria;
- originalidade de expressão oral e escrita, com produção constante de respostas diferentes e idéias não-estereotipadas;
- talento incomum para expressão em artes como música, dança, drama, desenho e outras;
- vocabulário inusitado para a idade e para a série escolar;
- habilidade para apresentar alternativas de soluções, com flexibilidade de pensamento;
- procura manter-se a par do que o cerca, é capaz de observar, investigar, propondo muitas perguntas;
- capacidade para usar o conhecimento e as informações na busca de novas associações, combinando elementos, idéias e experiências de forma peculiar;
- capacidade superior para julgar e avaliar, ponderar e buscar respostas lógicas, perceber implicações e conseqüências, facilidade de decisão;
- produção de idéias e respostas variadas, gosto pelo aperfeiçoamento das soluções encontradas;
- habilidade em ver relações entre fatos, informações ou conceitos aparentemente não relacionados;
- gosto por desafios e pelo convívio com pessoas de nível intelectual similar;
- aborrecimento fácil com a rotina;
- busca de originalidade e autenticidade;
- criticidade aguçada, que atinge a si mesmo e também os outros;
- desejo pelo aperfeiçoamento pessoal, não-aceitação de imperfeição no trabalho;
- fraco interesse por regulamentos e normas;
- persistência em satisfazer seus interesses e questões;

- sensibilidade às injustiças, tanto em nível pessoal como social;
- comportamento irrequieto, perturbador, inoportuno;
- descuido na escrita e deficiência na ortografia;
- impaciência com detalhes e com aprendizagem que requer treinamento;
- descuido no completar ou entregar tarefas quando desinteressado.

Cabe ressaltar que essas características podem ou não estar presentes na totalidade. Às vezes observam-se apenas algumas delas, que aparecem de forma consistente.

A SEESP MEC define como pessoas com AHSD aquelas que apresentarem notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer um dos seguintes aspectos, isolados ou combinados:

- a) **Capacidade Intelectual Geral** – Envolve rapidez de pensamento, compreensão e memória elevadas, capacidade de pensamento abstrato, curiosidade intelectual, poder excepcional de observação;
- b) **Aptidão Acadêmica Específica** – Envolve atenção, concentração, motivação por disciplinas acadêmicas do seu interesse, capacidade de produção acadêmica, alta pontuação em testes acadêmicos e desempenho excepcional na escola;
- c) **Pensamento Criativo ou Produtivo** – Refere-se à originalidade de pensamento, imaginação, capacidade de resolver problemas de forma diferente e inovadora, capacidade de perceber um tópico de muitas formas diferentes;
- d) **Capacidade de Liderança** – Refere-se à sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, capacidade de resolver situações sociais complexas, poder de persuasão e de influência no grupo, habilidade de desenvolver uma interação produtiva com os demais;
- e) **Talento Especial para Artes** – Envolve alto desempenho em artes plásticas, musicais, dramáticas, literárias ou cênicas (por exemplo, facilidade para expressar idéias visualmente; sensibilidade ao ritmo musical; facilidade em usar gestos e expressão facial para comunicar sentimentos); e
- f) **Capacidade Psicomotora** – Refere-se ao desempenho superior em esportes e atividades físicas, velocidade, agilidade de movimentos, força, resistência, controle e coordenação motora fina e grossa. (VIRGOLIN, 2007, p. 28)

De acordo com Virgolin (2007), esta definição é vantajosa, uma vez que chama a atenção para importantes aspectos, como: a pluralidade de áreas do conhecimento humano em que uma pessoa possa se destacar, não se limitando à tradicional visão acadêmica da superdotação; o entendimento de que as altas habilidades se relacionam tanto com o desempenho demonstrado quanto com a potencialidade em vir a demonstrar um notável desempenho; e a percepção de que a superdotação se modifica no decurso do desenvolvimento do indivíduo.

Entretanto, mais uma vez, não se pressupõe que todos os alunos com AHSD, apresentem todas essas características. Quando as apresentam, isso não se dá, necessariamente, simultaneamente e no mesmo nível. O importante é que não se deve generalizar. Alunos podem ter desempenho expressivo em algumas áreas, médio ou baixo em outras, dependendo do tipo de sua habilidade. Assim ocorreu com alguns gênios que tiveram grande importância para a humanidade. A exemplo: - Einstein tinha quatro anos quando começou a falar. Só foi aprender a ler depois dos sete; - Newton, o físico que formulou as leis que regem as forças gravitacionais, não foi dos melhores alunos na escola primária; - Pestalozzi era distraído e seus professores o consideravam apático e Beethoven, autor da famosa 9ª Sinfonia!!? quase desistiu de ser músico porque seu professor disse que ele não teria a menor chance nessa área. (BRASIL, 1999)

Segundo ALENCAR (2001), há indivíduos que, embora possuam altas habilidades, têm rendimento escolar inferior e merecem cuidados especiais. Isso porque, às vezes, podem manifestar falta de interesse e motivação para os estudos acadêmicos e para a rotina escolar, podendo também apresentar dificuldades de ajustamento ao grupo de colegas, o que desencadeia problemas de aprendizagem e de adaptação escolar.

Certamente, no âmbito educacional, percebem-se alunos que possuem altas habilidades, enfrentando problemas de comportamento. Nos primeiros anos de vida, eles geralmente chamam a atenção por estarem sempre matutando sobre questões que não incomodam as crianças de sua faixa etária. Acabam adquirindo a fama de chatos ou curiosos demais. Assim, é difícil para professor e colegas deixarem de considerar suas idéias, por melhores que sejam, como tolas ou maldosas. Isso poderá levar o aluno a sacrificar sua criatividade.

A criança pode pensar, em forma de exemplo: “Não posso perguntar isso, porque vou aborrecer as pessoas” ou “Nem adianta perguntar, porque ninguém vai me entender mesmo ou nem vai saber me responder”.

Hollingworth *apud* Alencar (2001) realizou um estudo com um grupo de aproximadamente 180 crianças que tinham QI extremamente alto. Verificou que, na



opinião delas, a freqüência à escola era considerada perda de tempo, dada a distância entre o que a instituição demandava e a competência desses alunos. O pesquisador também observou que as crianças eram atormentadas por problemas relativos ao sentido e ao significado da vida e do universo. Muitas tinham grandes dificuldades para se relacionar socialmente e tornavam-se isoladas e com atitudes negativas em relação à autoridade.

Talvez a principal razão que leve crianças com altas habilidades a sacrificar sua criatividade, e por tabela ter problemas de comportamento, seja o fato de a escola não se apresentar como um local que ofereça atividades desafiadoras. Assim, grande parte do mau comportamento é uma reação às tarefas não-desafiadoras, cansativas e reprodutivas que lhes são dadas no ambiente escolar.

Segundo Alencar (2001), embora os estudos sobre pessoas com altas habilidades tenham avançado nos últimos anos, ainda se convive com alguns mitos que estão impregnados no imaginário da sociedade e mesmo entre educadores. Alguns exemplos:

- *O superdotado é ótimo aluno e tem sempre as melhores notas*

Ele pode ou não ter bom rendimento acadêmico. Ser um aluno nota dez nem sempre é indicador de superdotação. O que dados empíricos indicam é uma freqüência relativamente alta de desempenho inferior, aquém do potencial deste aluno. Mas por que isso acontece? A seguir, alguns fatores responsáveis:

- as características da escola atual, voltada enfaticamente para a informação pela informação;
- a falta de estímulo do professor em desenvolver o potencial criativo (ele foi capacitado para trabalhar o pensamento convergente, ou seja, aquele que se volta para uma única resposta);
- a tendência em igualar tarefas e conteúdos, massificando o ensino;
- a pouca sensibilidade para atender o aluno que se destaca por suas idéias e habilidades, às vezes considerado “inoportuno”;
- a falta de informação nesta área, nos cursos de habilitação de professores e formação continuada.

- *Tem quociente intelectual (QI) alto.*

Depois de um ano de trabalho com crianças de baixo nível intelectual, Landau (1990) verificou que o QI da maioria tinha aumentado cerca de 30%. Assim, podemos concluir que o QI é uma função variável.

Segundo a pesquisadora, para que os dados colhidos tenham algum valor, deve-se levar em conta o contexto social e étnico das crianças. É preciso comparar seus resultados com a opinião de professores e o desempenho escolar da criança.

Diversos estudos mostram que não se pode identificar a superdotação de crianças sob a base das pontuações gerais do QI, pois esses testes medem uma parte muito limitada do que é a inteligência humana.

- *São hiperativas e possuem cérebro com mais neurônios.*

Essa afirmação não procede. Às vezes, elas realmente não param, agitam-se em busca de mais saber, demonstram muita energia, mas não têm as características clínicas de hiperatividade.

Os estudos clínicos em cérebros, como o de Einstein, mostram que a quantidade de células nervosas é a mesma. Apontam no sentido de que possa existir maior número de conexões, mais interação entre elas.

Esses circuitos nervosos diferenciados podem ser responsáveis por alguns traços que os superdotados apresentam em relação a crianças de sua mesma faixa etária, como amadurecimento no modo de ser; habilidade para perceber a relação entre fatos; flexibilidade de idéias; versatilidade de interesses; imaginação fértil; curiosidade inesgotável; rapidez na percepção do mundo e de seu meio; memória acentuada; senso de humor, etc.

#### **1.4 - Alguns Conceitos.**

- **Talento.** De acordo com Güenther (2000), o talento implica a capacidade de desempenhar em elevado grau de qualidade, não apenas como indivíduo, mas também em comparação com o grupo maior detentor de características

semelhantes. Talento também é interpretado comumente nas mais diversas linguagens artísticas (música, teatro, dança, etc.).

- Capacidades. Segundo Güenther (2000), as capacidades são todas as potencialidades a serem desenvolvidas no educando, independentemente dos conteúdos de um curso. Podem ser definidas como tudo aquilo que possibilita uma maior transferência de aprendizagens. Não são inatas, mas desenvolvidas ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Uma capacidade designa o eixo do desenvolvimento educacional que se deseja. Responde à pergunta: que tipo de educando se deseja formar? As capacidades são, por essência, transversais. Um exemplo seria a capacidade de pesquisar. Se bem desenvolvida, pode auxiliar em qualquer área e em qualquer momento da vida do trabalhador, que poderá pesquisar novos materiais, manter-se atualizado pelas pesquisas, pesquisar palavras que desconhece, pesquisar novos métodos, etc. (BRASIL, 1999).

Güenther (2000, p. 34), define sobre o termo capacidades.

A definição de capacidade elevada comumente mais aceita é abalizada no conceito de desempenho médio, derivado da Lei das Probabilidades, a qual indica que a distribuição das características humanas pela população acontece de acordo com a curva normal: em uma determinada característica, qualquer que seja ela, a maioria da população estará localizada na faixa média, seja em qualidade ou em quantidade; a *média* (grifo da autora) é um valor que representa a apreciação da soma geral dos valores, se fossem distribuídos igualmente por toda a população. Mas essa distribuição não é igual, ou seja, as pessoas, individualmente, se afastam desse valor médio, para mais ou para menos. (...) Quando falamos em pessoas bem-dotadas e talentosas, estamos nos referindo a 3 a 5% da população que estão acima da média em uma característica valorizada pela nossa cultura e momento atual e de tal modo se sobressaem nessa característica que não acompanham o caminhar médio do seu grupo de pares. Por isso precisam de alguma coisa a mais, o que lhes é oferecido pela área da educação especial.

- Habilidades. De acordo com Landau (1990) são atributos relacionados a dimensões variadas: cognitivas, motoras e atitudinais. Na mesma linha de entendimento, MEC/ SEESP (BRASIL, 1999, p. 101) define que “[...] habilidade é o potencial natural e a capacidade peculiar do indivíduo de agir (desempenho) com competência, rapidez, agilidade e estilo próprio”. De acordo com Alencar, 2001, as

Habilidades são conceituadas em muitas formas; o mais comum é classificar as habilidades em três categorias:

*Habilidades básicas:* podem ser entendidas em uma ampla escala de atributos, que partem das habilidades mais essenciais como ler, interpretar, calcular, até chegar ao desenvolvimento de funções cognitivas que propiciem o desenvolvimento de raciocínios mais elaborados.

*Habilidades específicas:* estão estreitamente relacionadas ao trabalho e dizem respeito aos saberes, saber-fazer, saber-ser, saber-agir e saber-conviver exigidos por postos, profissões ou trabalhos em uma ou mais áreas correlatas.

*Habilidades de gestão:* estão relacionadas à autogestão, ao empreendimento, ao trabalho em equipe.

Esses conceitos provêm das Habilidades. Então, o que são altas habilidades? Há um consenso entre os autores sobre a dificuldade de conceituar o que seriam altas habilidades ou superdotação, porque há muitos aspectos a serem considerados.

(...) a superdotação é um conceito ou constructo psicológico a ser inferido a partir de uma constelação de traços ou características de uma pessoa. Nós não temos condições de medi-lo diretamente, da mesma forma como podemos fazê-lo com relação à altura ou ao peso (HAGEN *apud* ALENCAR, 2001, p. 24).

Em Alencar (2001), encontra-se a conceituação de altas habilidades segundo Renzulli. Este autor compartilha a idéia de que a superdotação não é algo que o indivíduo tem ou não tem. Trata-se de algo relativo. Assim, um indivíduo pode ser considerado superdotado em determinada situação; mas em outra, não.

Ainda conforme Alencar (2001), a partir de uma análise de pesquisas com amostras de indivíduos criativos/produtivos, De Bono (1993), constatou que as pessoas que se destacavam por suas contribuições apresentavam um conjunto de traços ou características composto por três elementos:

- Habilidades Intelectuais Acima da Média: envolve habilidades gerais e específicas. As primeiras possibilitam que o indivíduo processe informações, integre experiências que resultam em respostas adaptativas e apropriadas a novas situações, e se engaje em pensamento abstrato, como memória, pensamento espacial e fluência de palavras. Já com as segundas, ele adquire conhecimento e habilidade para atuar em uma ou mais atividades de uma área especializada;
- Criatividade: envolve a fluência, flexibilidade e originalidade de pensamento, abertura a novas experiências, curiosidade, sensibilidade a detalhes e ausência de medo em correr riscos. Para Renzulli apud Alencar (2001), em vez de usar testes de criatividade, que sempre apresentam limitações, é melhor analisar os produtos criativos do aluno;
- Alta motivação (envolvimento com a tarefa): este aspecto inclui uma série de traços como perseverança, dedicação, esforço, autoconfiança e uma crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho importante. A inclusão de um fator de natureza afetiva na definição de superdotação alerta para o fato de que este é um processo com múltiplas faces e, dessa forma, questiona a noção de que a boa dotação intelectual é condição suficiente para a alta produtividade na vida.

Para Renzulli, *apud* Alencar (2001) é a interação entre esses três fatores que possibilita as realizações criativas/ produtivas superiores. O quadro se encontra no (ANEXO A). Esse organograma, Renzulli chama de “Os ingredientes de Superdotação”.

Em seu modelo de superdotação, Mönks, *Apud* Alencar (1996) complementa os fatores destacados por Renzulli, mas inclui elementos do ambiente social, cruciais ao desenvolvimento de indivíduos mais capazes. O quadro se encontra no (ANEXO B). Esse organograma é o modelo multifatorial de Mönks.

Parafraseando Érika Landau (1990), fundadora do Instituto de Jovens para Promoção das Artes e da Ciência, em Tel-Aviv, que atende alunos em Programas de Enriquecimento, também defende o sistema interativo de superdotação, ressaltando a importância do meio.

Para ela, a superdotação é um sistema de influências entre o mundo interior da criança e seu ambiente. O meio tem função de desafiar e estimular as habilidades internas da criança (inteligência, criatividade, talentos). Essa interação fortalece o “eu” do superdotado, tanto no incentivo à sua coragem para arriscar-se quanto na motivação de aspectos como envolvimento, perseverança e realização (Landau, 1990). O quadro se encontra no (ANEXO C). E a sua explicação abaixo:

A base (1-3) e a lateral esquerda (2-3) do triângulo, cujo ápice está para cima, representam o mundo interno da criança; o lado direito (1-2) corresponde ao ambiente (6). O estímulo emocional (2) – liberdade e segurança –, oferecido pelo ambiente, fortalece o ego (4) da criança, ao transmitir-lhe coragem para usar os talentos (3).

Enquanto o estímulo intelectual (1) proporciona a informação, o significado e o preparo para os desafios, o ambiente fornece a motivação (5), para que a criança realize toda a sua potencialidade. Assim, a partir da correlação de influência desses fatores, a superdotação pode desabrochar.

Pais e professores devem estimular a criança com liberdade e segurança, até que ela sinta força emocional suficiente para admitir que “pode” ser superdotada (2, 3 e 6, 4). Eles também devem desafiá-la e incentivá-la intelectualmente, de tal forma que ela queira ser superdotada (1-3 e 6-5).

Uma incitação exclusivamente cognitiva levará eventualmente ao desenvolvimento intelectual, contudo, poderá fazer com que a criança permaneça emocionalmente imatura. Ao passo que a estimulação emocional, sem a cognitiva, conduzirá à frustração intelectual.

Em ambos os casos, a criança superdotada não atualizará seus potenciais. Somente com a interação entre um ambiente que promova desafios emocionais e intelectuais é que o desenvolvimento da superdotação pela criança será real.

## OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Propor à Secretaria Municipal de Educação de Linhares a Construção de Práticas Educacionais para alunos com Altas Habilidades/ Superdotação.

Objetivos Específicos:

- Conhecer a proposta de identificação e atendimento do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação (NAAH/S), e da Associação Brasileira para Altas Habilidades/ Superdotação (ABAHSD), todos dois situados em Vitória, capital do Espírito Santo;
- Implementar estratégias para a identificação e atendimento das pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação;
- Viabilizar espaço e recursos humanos para o funcionamento do Centro de Referência para Pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação.

## METODOLOGIA

### 2.1- Fundamentação Teórica da Metodologia

O ato de pesquisar é um ato de busca, de compreensão, de análise, de reflexão, de conhecimento e assim de mudanças de paradigmas existentes na realidade cotidiana, cheia de “ranços” banalizados e normatizado pelo senso comum. A pesquisa serve para que através do contato com o conhecimento, seja possível ver a realidade através de outros ângulos e vertentes, e assim ter a possibilidade de mudanças.

[...] pensar em construção de conhecimentos científicos, é pensar conhecimento sobre o sujeito que se coloca, que dialoga, que se implica em algo que quer conhecer, que se expõe ou não e que tem uma capacidade de representação. (MACIEL; RAPOSO, 2010, p. 78-79)

O ato de pesquisar envolvendo, aqui neste caso, seres humanos e educação escolar, requer um encaminhamento metodológico numa linha qualitativa, pois, “[...] esse conhecimento é dialógico: para se fazer ciência em educação é preciso dialogar com o outro, pois o outro aparece em todos os espaços do diálogo.” (MACIEL; RAPOSO, 2010, p. 79).

E dentro de um caminho metodológico qualitativo, essa pesquisa se enquadra no segmento da pesquisa-ação.

[...] Corey (1953) caracteriza como o processo pelo qual os práticos objetivam estudar cientificamente seus problemas de modo a orientar, corrigir e avaliar suas ações e decisões. (ANDRÉ, 1995, p.31)

[...] o processo de pesquisa-ação envolve o estabelecimento de uma série de ações que devem ser planejadas e executadas pelos participantes e devem ser sistematicamente submetidas a observação, reflexão e mudança. Apóia-se, em seus fundamentos, na teoria crítica. (ANDRÉ, 1995, p.32)

O objetivo desse texto monográfico é de propor a construção de práticas educacionais para alunos com AHSD, à secretaria municipal de educação de Linhares - Espírito Santo. Essa questão surge de algo que ainda não se existe nas escolas municipais Na pesquisa proposta há o envolvimento do sujeito pesquisador



com a proposta argumentada e assim defendida, pois como expõe Barbier (2007), esse tipo de pesquisa implica três pontos essenciais:

- pressupõe-se que os pesquisadores técnicos [...] percebam o processo educativo como um objeto passível de pesquisa;
- pressupõe-se que esses pesquisadores percebam a natureza social e as conseqüências da reforma em curso;
- pressupõe-se, enfim, que eles compreendam a pesquisa mesma como uma atividade social e política, portanto ideológica. (BARBIER, 2007, p. 60)

Portanto, é um caminho proposto pelo pesquisador, para compreender as artimanhas existentes neste universo, dos alunos com AHSD e a partir daí trabalhar no sentido da identificação e atendimento.

## **2.2- Contexto da Pesquisa**

Como já foi referenciado o norte dessa pesquisa encontra-se no trabalho de construção da proposta de algo ainda que não foi legitimado nas práticas educacionais das escolas municipais de Linhares, mas que já vem sendo tratada, referenciada e praticada em duas instâncias importante na capital de Vitória – ES, a Associação Brasileira para Superdotados (ABAHS/D) e o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação (NAAHS/D).

Essas duas referenciadas vêm num caminho que já deixou história, já deixou marcas, já deixou conhecimentos, já deixou experiência, não escutá-las e não referenciá-las é um abuso a não acreditar na experiência teórico-prática, é um abuso a ignorância.

O contexto de pesquisa foi o universo das escolas municipais do município de Linhares-ES e as experiências adquiridas ao longo de uma caminhada da ABAHS/D e do NAAHS/D. Essas vão ser referenciadas neste momento de forma resumida.

### **2.2.1 LINHARES**

O município de Linhares está a 130km ao norte de Vitória, capital do Espírito Santo, e é cortada pela BR 101 e pelo Rio Doce. Possui 141.254 habitantes (IBGE, 2010), tem como área territorial 3502 km<sup>2</sup>, tendo o maior litoral do ES.

Linhares possui atualmente 80 escolas entre Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Centros de Educação Infantil do Município. Sendo que respectivamente tem-se matriculado, 14966 e 7561, totalizando na rede 22.527 alunos (EDUCA CENSO, 2010).

Estima-se que 3% da população possuem altas habilidades/ superdotação, isso significa que 676 alunos da rede municipal de educação de Linhares-ES, não estão sendo identificados e não estão sendo trabalhados/ estimulados. É uma constatação muito séria e que precisa que urgentemente aja ação em torno dessa prática.

### 2.2.2 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTADOS (ABAHSD)

ABAHSD foi fundada em 19 de novembro de 1991, assim participando das políticas capixabas e brasileiras, sobre as AHSD há 19 anos. É uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos que agrupa pessoas interessadas em discutir questões de inteligência, criatividade e superdotação. Tem como finalidade a inclusão social de pessoas com altas habilidades/superdotadas e o estímulo de suas potencialidades, de modo a favorecer-lhes a auto-realização. Tem como missão de promover o pleno desenvolvimento do talento das pessoas com altas habilidades/superdotadas e como lema: “Talento não se desperdiça, estimula-se”. (ABAHSD, 2011)

#### OBJETIVOS FUNDAMENTAIS

- Sensibilizar para a importância de se criar condições favoráveis ao desenvolvimento e aproveitamento do talento, da inteligência e da criatividade;
- Contribuir para a formação e aperfeiçoamento de recursos humanos destinados à pesquisa, à identificação e ao atendimento de superdotados.
- Colaborar com as entidades públicas e privadas responsáveis por formular e promover a política de atendimento e inclusão social das pessoas com altas habilidades/superdotadas.
- Congregar pessoas físicas e jurídicas interessadas em questões de inteligência, criatividade e superdotação a fim de estabelecer intercâmbio de conhecimentos e experiências, coordenando seus esforços, estudos e ações.
- Realizar estudos científicos e pesquisas sobre as pessoas com altas habilidades/superdotadas, particularmente quanto a sua identificação e atendimento. (ABAHSD, 2011).

ABAHSD vem ao longo desses, 19 anos, cumprindo com os objetivos proposto, citado no parágrafo anterior, sendo uma referência no Estado e também no Brasil. A associação fica situada no endereço: rua General Osório, 83, Ed. Portugal, sala 404, Bairro: Centro, Cidade: Vitória - UF: ES - CEP: 29020000. Telefone: 27 3223-8922 / 9309-6879 / 9297-4748, Email: abahsd.es@terra.com.br e página da Web: <http://www.altashabilidades.com.br/>.

### 2.2.3 NÚCLEO DE ATIVIDADES DE ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO (NAAH/S)

O NAAH/S foi instituído no ano de 2005, pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (SEESP), em parceria com as Secretarias de Educação em todas as Unidades da Federação. Esses núcleos foram organizados, através de assessorias e recursos materiais para a implementação das salas de recursos, com o objetivo de atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos, oportunizando o aprendizado específico e estimulando suas potencialidades criativas e seu senso crítico, com espaço para apoio pedagógico aos professores e orientação às famílias de alunos com altas habilidades/superdotação.

No Estado do Espírito Santo O NAAH/S é uma extensão de ensino da Secretaria de Estado da Educação (SEDU), que pertence a Gerência de Educação, Juventude e Diversidade, e como parte integrante a Subgerência de Educação Especial - SUEE, que responde diretamente pela política de educação especial. Tendo como principal finalidade de identificação dos alunos; observação assistida em situações e espaços diferenciados; atendimento educacional especializado em sala de recursos e encaminhamento para atendimento nas áreas de interesse do aluno. (SEDU, 2011)

O NAAH/S está localizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto, localizada na Avenida Leitão da Silva, na Praia do Suá, em Vitória-ES. O atendimento é feito de segunda a sexta-feira, nos turnos: matutino e vespertino, das 7 às 12 horas e das 13 às 17 horas.

### **2.3 - Participantes**

Foram dois os participantes da pesquisa: a presidente da Associação Brasileira para Superdotados (ABAHSD), que aqui vai ser representada pela sigla da associação - ABAHSD e a coordenadora do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação (NAAH/S), que aqui vai ser representada pela sigla da do Núcleo - NAAH/S.

É importante salientar que as pesquisadas<sup>1</sup> não se opuseram a identificar o seu nome na monografia, uma vez que o objetivo dessas duas instâncias nas quais elas representam precisam de divulgação e o objetivo dessa monografia é uma proposta de atendimento, não interferindo assim em nenhuma conduta ética de trabalho científico, mas mesmo assim é melhor deixar elas sendo representadas pelas siglas na qual pertence.

### **2.4 - Materiais**

O material utilizado foi uma câmera digital, onde foi filmada a entrevista das duas participantes da pesquisa, com consentimento para a filmagem.

### **2.5 - Instrumentos de Construção de Dados**

O instrumento de construção de dados foi a entrevista não estruturada, com o objetivo maior da explanação de uma forma livre, espontânea do entrevistado, abordando o assunto questionado, mas com a definição clara do propósito do assunto a ser discutido, neste caso as perguntas centrais eram: Qual o objetivo da instituição? Como ela identifica os alunos com AHSD? Como ela propõe o atendimento a esses alunos? E também a análise de documento, das duas instâncias pesquisadas, ABAHSD e NAAH/S, principalmente, alcançadas pelo meio eletrônico/ internet.

---

<sup>1</sup> As participantes da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecimento (TCLE).

## 2.6 - Procedimentos de Construção de Dados

A escolha da ABAHSD e do NAAH/S se deu devido a essas duas instâncias serem referência no Espírito Santo, em políticas de identificação e de atendimento aos alunos com AHSD. As pesquisadas representantes das instituições aqui referenciadas, estão, sempre participando ou promovendo eventos da educação especial e de AHSD, portanto elas também são referências na busca de conquista desses alunos.

Então tendo esse conhecimento e como é algo que a SEME – Linhares-ES interessa, a coordenadora do setor de educação especial, a senhora Giovanna de Jesus Gomes Drumont, entra em contato, por meio telefônico, com as duas entrevistada e marca o encontro, para o dia 14 de fevereiro de 2011, e assim marca também o transporte da SEME para a condução do entrevistador (eu – Marcela Rúbia Tozato), por motivos de acontecimentos na SEME o transporte não seria mais disponível naquele dia, então o jeito foi ir de condução própria.

Como, que de certa forma essa proposta de identificação e de atendimento, já vem sendo conversada e refletida junto à secretária de educação Ana Maria Paraíso Dalvi, foi contratado um estagiário de psicologia, que já tinha manifestado o desejo desde 2010 de trabalhar nesta área, para ajudar nesta elaboração da proposta e da criação do centro, o senhor Maghayber Dondoni, que também esteve na entrevista e preparou este relatório.

No dia 14 de fevereiro, nos dirigimos a Vitória para uma visita de estudo e pesquisa, no intuito de nos aprofundarmos mais sobre Altas Habilidades e Superdotação, para fins de implantar em Linhares um Núcleo que trabalhe programas que venham identificar e potencializar crianças com altas habilidades.

Na 1ª parada (Marcela e Maghayber) visitamos uma associação que desenvolve um projeto de buscar parcerias para encaminhamentos destas crianças, direcionando a órgãos que oriente e potencialize suas habilidades. Fomos recepcionados pela funcionária Erondina desta associação (Associação Brasileira de Superdotação e Altas Habilidades), exemplo citado foi o do grupo de Vitória que desenvolve juntamente com professores da UFES um projeto de robótica, inclusive já recebeu até prêmios.

Pude ampliar a visão sobre a dimensão a ser pesquisada, descobri que nem sempre uma criança com alta dotação aparece arrumadinha de cabelinho penteado ou usando óculos, este é um estereótipo, e devemos quebrar este paradigma. Através da visita descobri que crianças com altas habilidade tem os mesmos direito das crianças com deficiência, e ambos

são amparados por lei, e são sujeitos a serem estigmatizados e excluídos do grupo por também portarem uma diferença.

A 2ª parada foi no NAAHS (Núcleo de Atividades para Altas Habilidades e Superdotação), aprendemos que quem trabalha nesta área deve ser sim pesquisador, a representante do NAAHS já está terminando seu doutorado. Neste local pude ter mais informações sobre as salas de recurso, e descobrir que essas salas não são tão utilizadas como no passado, o objetivo agora é buscar parceiros que tenham conhecimento aprofundado em sua especificidade.

Como, o senhor Maghayber Dondoni já explicitou foi marcado primeiro com a ABAHSD, logo pela manhã e a tarde com NAAH/S. Foi muito proveitoso esse contanto com as duas instâncias, pois, clareou e modificou o caminho/ a proposta para a SEME de Linhares, na identificação e no atendimento aos alunos com AHSD.

## **2.7 - Procedimentos de Análise de Dados**

Como o marco maior dessa pesquisa foi a entrevista, a análise de dados vai se dá através da análise de conteúdo, esse vai ocorrer nas falas das entrevistadas e com a discussão teórica dessas falas.

Logo depois vem o plano de ação que corresponde aos dois objetivos do trabalho que é de implementar estratégias para a identificação e atendimento das pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação e de viabilizar espaço e recursos humanos para o funcionamento do Centro de Referência para Pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 - Resultados e discussão da Entrevista.

Os resultados e assim as discussões vão ocorrer de uma forma meio que, sincrônica. Antes é necessário entender que o sujeito pesquisado reflete sobre o seu local de trabalho, o que ele constituiu ali, qual a relação existente, e construída entre ele e o seu papel na instituição de trabalho, isso é interessante, pois o que é colocado nas formalidades de uma instituição, dependendo do sujeito que coordena, isso modifica aquela realidade, ou seja, são construções diferenciadas.

Buscar instituições que já tem uma história de luta, de trabalho, de conquista é necessário. Através das entrevistas pudemos constatar a experiência adquirida e a assessoria segura daquilo que pode dar certo, pois já se aventuraram em proposta que não são mais aconselháveis.

As parcerias são movidas por trocas de conhecimentos, por reflexões através do dialogo, por mudanças de atitudes, por colaboração e objetivos em comuns. As parcerias cada vez mais se tornam necessárias, ninguém têm o poder absoluto, não se podem realizar projetos sozinhos. O caminho para crescer, por mais forte que seja uma instituição, é através de parceria. E a ABAHSD e o NAAH/S são parceiros nesta nova caminhada da proposta de criação do Centro de Atendimento de Altas Habilidades/ Superdotação, conforme é ressaltado:

Uma das atividades do NAAH/S, [...] é dar assessoria as escolas, as prefeituras, quem vier buscar a gente, não deixamos de atender. [...] Se a prefeitura de Linhares solicitar o NAAH/S, como instância do governo de assessoria, de orientação dentro das nossas possibilidades de dar toda essa orientação é só falar. Temos as nossas limitações de trabalho, de tempo, mas, é totalmente possível, por exemplo, que venha um grupo de lá, como você veio aqui, a gente senta faz um grupo de estudo, pode combinar, [...] isso é questão de se organizar, se entra em contato com a própria SEDU, e a SEDU encaminha, é o que a gente ver o que pode fazer [...] (NAAH/S)

Aqui nos somos uma ONG, que damos suporte aos projetos de Estado e de prefeitura para o atendimento a esses alunos. A nossa responsabilidade é o que? É de buscar parcerias, buscar voluntários. [...] O Estado e a Prefeitura não pode ter convênio [...] mas, a ABAHSD pode, então ABAHSD é o elo entre essas instituições / a

prefeitura precisa fechar convênio/ precisamos formalizar. ABAHSD emite certificado de voluntário. (ABAHSD)

Este convênio citado pela entrevistada se chama de Cooperação Técnica entre a ABAHSD e a instituição, no caso aqui a SEME Linhares-ES, já foi entregue a secretária de educação, mais ainda não foi firmado o convênio. A entrevistada reafirma a importância da formalização dessa parceria.

[...] com a ABAHSD nós conseguimos os voluntários para trabalhar com alunos do Estado e da prefeitura, entendeu? [...] Os voluntários tem uma parte que indica a lei, porque alguns a gente tem o problema também, então agora nós temos na ficha própria<sup>2</sup> pronta para o voluntário, que ele sabe que ele não vai receber pelo trabalho, porque que colocar na justiça [...] Ai a gente trabalha com os voluntários, eles falam: – Eu quero ser voluntário, mas eles sabem que eles não vão receber. Tem uma lei específica de voluntários que não vai receber, no final nos damos o certificado com a carga horária de x horas para o currículo dele, que ele atuou como voluntário. (ABAHSD)

De acordo com a nova resolução, o AEE tem que ser feito em salas de recursos multifuncionais, as entrevistadas já trabalharam neste moldes e todas as duas afirmam que não foi uma experiência de sucesso para os alunos com AHSD, veja as colocações:

Porque o modelo da sala de recurso, já passamos por ele/ não funciona/ funciona bem para deficiente, isso com certeza mais com talento não, eu já trabalhei na sala de recurso, quando era da rede municipal, eu trabalhava na sala de recurso. Então chegar alunos, entendeu? Com várias capacidades, com vários potenciais que eu não dava conta, por exemplo, aluno de arte meu ficava sem atendimento de qualidade/ eu não sabia ajudar, fazer uma intervenção, um sombreamento não sabia. Então a partir dali fomos vendo que a sala de recurso não funciona, [...]. (ABAHSD)

[...] e a partir daí eu comecei a questionar a minha própria prática, eu comecei a trabalhar a desenvolver um projeto que já existia, que era o PAT, que era o Projeto de Atendimento ao aluno Talentoso, [...], eu comecei a ficar incomodada com essa prática, porque entender de fato o que estava fazendo, né? Era sistema de sala de recurso atendimento de grupo semanal, com horário e com criança de várias idades, não tinha um recorte de faixa etária [...] era um agrupamento por interesse, mas, também a gente não trabalhava diretamente com interesse da criança [...] trabalhava com a criança de maneira geral, [...]. Então a gente tinha vários fatores, esse problema a meu ver precisava ser mais clarificado e daí quando fui fazer o mestrado em 2005 entre 2006. A minha proposta de trabalho foi pesquisar essa questão, quer dizer entender esse processo de atendimento, como a

<sup>2</sup> Ficha dos voluntários Anexo 1 e também no site [http://www.altashabilidades.com.br/upload/publicacoes\\_ficha%20inscriçao\\_voluntario\\_12337.doc](http://www.altashabilidades.com.br/upload/publicacoes_ficha%20inscriçao_voluntario_12337.doc)



gente atendia principalmente, quem a gente atendia? Quem é esse sujeito que estamos chamando de superdotado? Então a minha dissertação se deu sobretudo em volta disso, [...] (NAAH/S)  
 [...] Há! A gente vai fazer sala de recurso, toda modalidade, não sei o que.... E depois não consegue colocar encaixando em determinado tempo, porque você fez um molde que não foi para ela, então acho assim que bem sinteticamente, é isso é você perceber na prática o que a gente está fazendo, entender o sujeito é o principal. (NAAH/S)

De acordo com as entrevistadas a sala de recurso não seria viável e então qual a proposta de atendimento.

A sala de recurso atua como para identificar e encaminhar para outros projetos, então a intenção tem que ser essa: identificação e os encaminhamentos necessários. [...] esse ano aqui em Vitória foram abertas, mas foram abertas neste sentido, professor escolheu para estar nessa escola, dando a identificação, essa identificação para encaminhar para os vários projetos. [...] professor nenhum da conta não, entendeu? [...] mas, um professor só não dá conta, dá conta sim, ele tem que estar muito bem preparado para observar, para identificar, para orientar os colegas, os professores, na escola nesta observação e a partir daí, da escolha do projeto desse menino, ele vai buscar aonde vai desenvolver isso, [...]. Então, isso a gente vai buscando as parcerias para eles irem caminhando. (ABAHSD)

A sala de Recurso não pode ser como o único espaço, é o espaço de orientação, de organização do trabalho desse aluno, professor inicialmente ele precisa conhecer o aluno [...]. Exemplo a Sala de Recurso que vai funcionar aqui no Paes Barreto, que foi implantada esse ano, inicialmente os professores vão chamar esses alunos para conhecer, para utilizar o material do portfólio, para a educação, até para entender porque o aluno está ali, se o aluno se acha talentoso, se acha criativo, e a partir daí você começar a fazer planos de atendimentos, que poderão se dar na sala de aula, ou em outros espaços como, planejamento individual, planos de monitoria, não é só como antigamente no PAT, que o atendimento era só aqui. Aqui no PAT eu tinha um grupinho de segunda, terça, quarta, cada dia era um grupinho que atendia para a gente fazia alguns passeios, algumas coisa, mas o atendimento era aqui, agora não a sala de recurso como um local, seja para reuniões, para orientações, mas também de planejamento de outras atividades, então é isso hoje a sala de recurso, continua sendo um local de atendimento, mas funcionando de maneira diferente como ela funcionava na época do PAAT. (NAAH/S)

Uma constatação importante, da fala das duas entrevistadas e na formação de professores.

[...] a gente tem que parar e começar a trabalhar com os professores – trazer a prática. As prefeituras, os professores, capacitar primeiro porque essa é a nossa função, uma das nossas funções é capacitar professores é buscar essas parcerias e por aí. Oferecer curso todo ano. Grupo de estudo, pesquisas permanente, da [...] tem professor

que nunca ouviu falar, porque na faculdade, a educação especial agora é obrigatório, matéria obrigatória, porque antes era opcional, agora é obrigatório, em todos os cursos da educação, duvido qual é o professor da educação especial de uma faculdade que falou para um aluno de AHSD, eles falam do hiperativo, eles falam do cego, eles falam do surdo, eles falam do mental, mas de altas habilidades nem citam [...] eles falam que os superdotados são hiperativos, não tem nada haver uma coisa com a outra. Até tem. Mas, afirma que todo o superdotado é hiperativo? O superdotado acaba ficando hiperativo pois, não tem nada para ele fazer /desafios, então ele acaba atrapalhando. A gente vem se organizando, oferecendo curso, fazendo seminário para criar no professor um outro olhar, [...]. (ABAHSD)

Quando se propõe a identificar os alunos com AHSD, e para atender, ou seja tem que ter um projeto de atendimento.

Agora outra coisa, identificar para atender. Se não tem projeto de atendimento, não adianta identificar. Que a gente piora. Porque a gente identifica e cria uma expectativa e ai depois uma frustração. Pensa inicialmente em 1 ou 2 escolas/ ver quais as escolas para começar fazer observação / ver quais as escolas para começar a fazer as observações – proposta da prefeitura. (ABAHSD)

Identificar os alunos com AHSD, é uma tarefa complexa.

[...] quando a gente propõe em trabalhar um sujeito que você está querendo agora, pensando numa proposta de atendimento, está claro para que você está querendo fazer? Por que você está querendo fazer? E para quem você está querendo fazer? Entendeu? Então isso é uma coisa que a gente está discutindo muito, quanto essa clareza da superdotação. Que de fato nos estamos chamando de superdotação? O que é superdotação? Quem é esse sujeito que a gente diz que está nesta condição? Será que ele está mesmo? Quando você trás a questão dá identificação, vai demorar um ano, eu falo hoje, talvez mais, por que na verdade não estamos falando do menino pronto. Não vamos chegar na escola é já identificar, você vai encontrar um sujeito em processo de constituição. Que eu digo, que estou chamando agora de indícios, né? Ele nos vai dar pistas, ele nos vai dar apontamentos, mas ele na verdade dificilmente você vai encontrar esse menino prodígio, aquele menino muito precoce, todas aquelas características pré-determinadas, então não vê. E é ai que reside o problema, se ao contrário da deficiência mental, que está na cara, a gente pode dizer assim, está na cara na maioria das vezes o que a criança tem, [...], as vezes é uma criança sintomática, você já percebe bem, pelas características físicas dela o que ela tem, né? [...] Síndrome, que tipo de síndrome? Pelo comportamento a gente pode identificar, e no caso do aluno com indícios de altas habilidades você não vai ver na cara, né? E muitas vezes vão demorar muito para ver certos comportamentos, você tem que conviver com aquela criança, ficar com ela um tempo, para começar perceber isso, por isso que chamo de indícios e não de identificação, e não de portadores, porque [...] tem que ver, que as coisas não

estão bem claras assim. Muitas vezes, a gente vai ver crianças que vai mostrar esses indícios e que ele é o pior aluno da escola, o pior aluno da sala, ninguém entende, a família não sabe por que que ele está sendo indicado, ou só a família consegue ver essa características, que ninguém vai ver, ninguém mais enxerga, porque? Talvez o domínio dele, ou os indícios que ele aponte não sejam acadêmicos, não sejam escolares, então a gente tem que pensar, nessa complexidade, entender se possível essa complexidade, mas pelo menos está ciente dessa complexidade para a promoção de atendimento, porque se não a gente vai chegar, vai procurar o menino vai achar. Ou ao contrario você vai chegar não vai procurar ninguém, o pessoal não vai entender o que você está fazendo ali e aí o trabalho com altas habilidades superdotação ele continua sendo muito questionado, e duvidado e algumas vezes até invalidado, por conta dessa complexidade. Eu digo, complexidade, não é porque é difícil, não é por que a criança não existe, é porque uma questão complexa [...] E ai dada a complexidade desse sujeito, como é que a gente vai poder fazer, para se chegar, pra poder fazer com que esse talento apareça, tem talento que não vai aparecer na escola, não adianta? Ele não vai aparecer na escola. Então [...] hoje em dia eu venho discutindo isso, venho provocando muito essa discussão, dá gente está buscando maneira de fomento desse talento dentro da escola, começar a surgir com a cultura do talento, não a cultura da dificuldade, a cultura da deficiência, a cultura do problema, mas a cultura do talento, e a partir daí a gente começar a refinar o olhar para perceber essas características que vão aparecer, dentro e fora da escola, não se restringindo apenas ao espaço escolar. Parece simples, né? Mas não é não (risos). (NAAH/S)

O papel das instâncias pesquisadas: NAAH/S e ABAHSD.

Não mais, a sala de recurso na verdade, ela é uma modalidade do MEC, isso daí já estava previsto desde as diretrizes de 1995, isso já vem sendo falado a muito tempo, mas a sala de recurso seria uma modalidade de atendimento. [...] o NAAHS ele não utiliza mais essa modalidade de atendimento. O NAAHS não é uma instância de atendimento, esse núcleo aqui não é instancia de atendimento. (NAAH/S)

Dependo do projeto que o aluno quer desenvolver, porque ele é identificado, a partir do momento da identificação sentamos com ele para fazer um plano até!! Tem que gostar de desenvolver. (ABAHSD)

O trabalho nosso é de orientação, de identificação e de capacitação de profissionais [...].(ABAHSD)

A gente começou com um grupo de estudo, para começar implantar a associação e implantamos associação e ai começamos este trabalho e a gente vem caminhando. (ABAHSD)

As diferenças de atendimento entre o público alvo da educação especial.

É claro a gente tem que cuidar de todos, só que o deficiente precisa de cuidados, os alunos com altas habilidades precisam de estímulos,

para poder crescer, cuidar nós vamos cuidar de todos, mas ele precisa mostrar esse potencial e trabalhar esse potencial [...] (ABAHSD)

A importância do olhar do especialista, para a identificação e também do atendimento aos alunos com AHSD.

[...] De repente é o professor de educação física que tem que olhar, o da arte que tem que olhar, então são nessas situações que precisa desse olhar do professor da escola. (ABAHSD)

A LDB (1996) explicita sobre os avanços, no Art. 59 e inciso II “terminalidade [...] e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados”.

Não a gente avança o conteúdo os casos de avanço é muito raro da certo, porque a mãe fica numa ansiedade que quer/ que avança, mas ele tem uma idade. Termina a pré-escola a mãe já que coloca na 2º série, não porque a professora pode trabalhar diferenciado com ele, então o avanço, esse menino todos os casos de avanços que a gente orientou e que a gente acompanhou, não deu certo, porque o menino, perde os coleguinhas de trás, vai para uma turma com uma faixa etária diferente da dele, emocionalmente ele tem 7 anos, mas tá com a turma de 9, 10, parece que não faz diferença, mas faz diferença e ele acaba bem perdido, então, se ele tem habilidade para matemática que ele vá adiantando o conteúdo, vá trabalhando está área, mas esse avanço é meio complicado. Às vezes, tem caso exploratório que até funciona, mas não necessariamente. Essa é complicada! A gente tem muita insegurança, a criança tem muita insegurança, o professor que vai receber. Entendeu? Tem essa insegurança também. Se tem problema e as vezes prejudica, mas do que ajuda. (ABAHSD)

Sobre a nova Política.

Olha a gente sempre espera que. Vem uma caminhada com as resoluções e tal, mas o congresso que eu estive lá, o ano passado em Curitiba, eles brigam muito por causa de nome, você já deve ter visto aí, eles com tradução errada que não deve utilizar altas habilidades que habilidades todo mundo tem, olha eles ficam em discussão no seminário, o que eles perdem tempo os estudiosos, porque superdotação da idéia de super e que pererê e que muda, e tal, tal, tal. Tanto é que professora Zenilda Guether, utiliza a questão dotação e talento o dote que a pessoa trás, trás esse dote essa genética e tal. [...] O Estado abriu vagas para esses tipos de profissionais (...) agora eles estão com esse tipo de preocupação de fazer essa divulgação, de buscar por que é muito menino perdido. (ABAHSD)

É preciso sempre questionar a prática

Porque o modelo da sala de recurso, já passamos por ele/ não funciona/ funciona bem para deficiente, isso com certeza mais com talento não [...](ABAHS/D)

[...] e a partir daí eu comecei a questionar a minha própria prática, eu comecei a trabalhar a desenvolver um projeto que já existia, que era o PAT, que era o Projeto de Atendimento ao aluno Talento, [...], eu comecei a ficar incomodada com essa prática, porque entender de fato o que estava fazendo, né? (NAAH/S)

[...] agora é doutorado, foi uma questão que ficou muito clara, muito evidenciada no meu trabalho de mestrado que foi quando a gente chegava para falar com os professores antigos que trabalhou, foi a questão da conceituação desse alunado, não havia, quer dizer não é que tinha que haver um consenso, mas as opiniões, elas eram muito dispas, né? Eu comecei a perceber que com as duas professoras que eu fiz contato já tinham passado pelo PAT, as opiniões quanto as conceituações, definições sobre esse sujeito elas eram muito, muito, embasadas, não tinham uma clareza. Comecei a pensar como que você trabalha com um público, com um alunado, propõe uma proposta sem a clareza de quem é esse sujeito, quer dizer é como eu falei na época, e como você fazer roupa sobre medida, sem tirar medidas. Eu vou fazer roupa para você Marcela, mas não vou tirar medidas, então quer dizer, na verdade o atendimento tinha uma meta, uma sistematização, uma medida, mas, que talvez nem todo mundo coubesse nela, então esse foi, né? Penso, eu né? Agora que o grande norte da minha dissertação na época, nem percebi muito, mas agora eu vejo é continuando o estudo que esse sim é o calo meu, e também é resultado de trabalho [...](NAAH/S)

## O que diferencia AHSD de outros alunos

[...] o que vai diferenciar essa pessoa. Há! Como eu sei que ali é superdotação, essas características, existe componente genético não vou discutir, claro não discuto isso, mas é indiscutível também, para isso se beneficiar, vai depender muito do meio que a pessoa vive, dos estímulos [...] Há, ele tem essa característica genética e deixar que ela vai desenvolver/ não / mas também a gente vai pensar que a gente vai pegar um menino, estimular para ele ser um Ronaldinho da vida, se ele não tem geneticamente, não princípio hereditários, uma característica, que ai fica até fisiológicas, que vai fazer dele uma estrutura para o esporte, para o futebol, não adianta, a não ser se a gente pegar o Ronaldinho desde pequeno, o irmão dele que criou, onde ele criou, jogar dentro da piscina, vou fazer de você um grande campeão, não seria, estou supondo que não seria, né? A constituição dele, a questão dela toda, constituição biológica, acho que genética, havia uma predisposição para uma determinada área, agora foi o meio? Desde cedo o menino foi motivado, foi colocado naquele meio? É claro que a gente não vai fazer juízo de valor, colocar peso nem né um, nem no outro, mas é pensar. Logicamente a escola ela tem a importância, logicamente a carga genética também tem a importância, mas tudo bem meio latino, tudo é bem misturado, né? A gente não pode pensar que é tem que ser isso mesmo e a escola nesta situação de passividade, às vezes, né chegou um deficiente é cego, ta bom a bengalinha, a não houve,

solta alguns sons, a gente não consegue entender a ele é surdo, quer dizer quer encontrar pistas, características, indícios de altas habilidades fica muito difícil, então um ambiente propício, ele vai mostrar o talento [...] logicamente que com algumas pessoas ele vai ser mais evidenciado, tem até a questão dos estímulos, mostrar até uma questão de prevalência, de característica, de um estímulo tão diferenciado, tão separado para poder falar de uma características de altas habilidades/ superdotação, mais isso tudo é uma coisa de valor, isto vai com o desenvolvimento. Então, eu não sei se a gente vê uma criança, um aluno superdotado, mas, a gente prepara ou deveria preparar este aluno para ter as suas potencialidades desenvolvidas, os seus talentos desenvolvidos, se ele vai vir a prevalecer nesta condição, isso aí são outras questões. Então acho que o papel da escola, sobretudo e da identificação de pistas, perceber aquele menino que dá pista, porque aquele da pista numa aula de português que ele não dá na aula de matemática de jeito nenhum, não é a praia dele, muitas vezes acontece ao contrário, ele vai dar pista na aula de matemática, mas, a professor de história, professor de geografia, ninguém vai perceber nada nele, ele vai dar indícios de características de uma possível área de domínio, e aí vamos aproveitar esse menino bom. Bom tem muita gente que é, mas tem aquele menino que é fenomenal e é aí que a gente começa ver as experiências, a graduações. Então, aí, não é a gente querer pegar aquele melhor, muitas vezes a gente fala, trabalha com altas habilidades, há você quer trabalhar com os melhores para trabalhar. Não é isso, é da oportunidade a todos para que tenham seu potencial desenvolvido, e vai dando na medida em que vai pedindo, que aquele que está pedindo lá você vai dando linha e você tem que recolher não é deixar solto, senão você vai se perder. Então dentro dessa complexidade, que acho que as altas habilidades superdotação precisa começar a se entendida, que até o próprio fascículo 10 do MEC, que de abertura ele vem falando dentro de uma visão piagetiana [...] do último [...] Que é um recorte, por exemplo que eu tenho um embasamento dentro da psicologia histórico cultural, na visão de Vygotsky, a gente e até o próprio MEC deixa isso aberto, está aí colocando uma visão, a partir de uma teoria e não sei porque foi uma opção deles, mas a gente pode ver outros aportes, isso vai depender também de o que você está estudando e sobre que ótica está estudando, então em suma o que o documento traz que achei muito legal foi essa coisa de falar da importância da escola no processo [...]

### **3.1 - Plano de Ação.**

Estudar e refletir sobre a parte teórica e de fundamental importância, mas observar e refletir, aqui através das falas, como ocorre na prática é essencial, uma vez que, concordando com Pinto, (1984, p. 15), “toda a minha idéia consiste em criar uma teoria da educação que não seja teórica, no sentido em que fica desfigurada como teoria, e sim corrigida pela prática da aula, pelo próprio ato de ensinar.”

Como foi essencial essa pesquisa empírica uma vez que ao se deparar com a realidade cotidiana, com os desafios existentes, que nem sempre estão postos nas escritas, nos livros, a uma modificação de estratégias.

O entrelaçar dos universos teórico e prático, faz necessário construir, um plano de ação, que não tem a intenção de proposta pronta e acabada, mas uma proposta de começo, de caminhada.

- Plano de Ação 2011 - Construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/ superdotação.

O espaço físico para o Centro de Referência para Alunos com Altas Habilidades/ Superdotação (CRAAHS), é na EMEF “Cid Adalberto dos Reis”, a escolha do local se deu, devido à disponibilidade de uma sala para o projeto.

Para começar o trabalho, foram escolhidas duas escolas, que vamos chamar de pólo: a EMEF “Cid Adalberto dos Reis” e a EMEF “Jerônimo Monteiro”, pois fomos aconselhados, até pelas instancias pesquisada que o ideal é começar sem muitos atropelos, para poder visualizar o projeto do começo ao fim, dando conta para isso.

A faixa etária escolhida são alunos de 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, essa escolha se deu devido a facilidade de trabalhar com um ou dois professor do que muitos, pois

Qualquer programa de educação alcançará maior sucesso, e trará melhores resultados, na medida em que for efetivamente integrado ao trabalho regular da escola, não necessariamente como uma medida administrativa, que só pode aumentar a burocracia, mas pela inclusão efetiva do professor que trabalha diariamente com a criança em sala de aula a participar em todas as fases do trabalho, do planejamento à avaliação. O professor deve ser levado a sentir que ele é parte de um grande time em educação, e não mero assistente de movimentos que buscam prover atenção especial ao estudante mais dotado e talentoso. (GUENTHER, 2006, p. 47)

Pensando nessa formação do professor, vai ser oferecido um curso de formação nesta área, conforme apêndice A. No começo o papel do CRAAHS, vai ser de buscar assessoria e parcerias, formação de profissionais de educação e

implementação de estratégias para a identificação e atendimento para alunos com AHSD.  
O cronograma do plano de ação 2011 está no apêndice B.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lei de fato se legitima na prática. Os alunos com altas habilidades/ superdotação vem ao longo do tempo sendo referenciado nas legislações brasileiras e se isso não for consumido, fica somente no papel. É preciso compreender todo o processo que envolve esses sujeitos, é preciso investir na construção de práticas educacionais para esses alunos.

Esse é o objetivo principal dessa pesquisa é de proposta de identificação e atendimento. As instancias pesquisadas foram de grande valia, no sentido de repensar uma prática mais calçada pela experiência e pela maturidade, os sentimentos são esses depois de ter ido à busca do empírico.

As pesquisas em torno das AHSD estão crescendo, mas precisa caminhar mais, é preciso discutir sobre a complexidade da identificação do sujeito, da formação de professores nesta área, do atendimento necessário. Pois, quanto mais conhecimento inerente tiver, maior é a busca e também o encantamento.

## REFERÊNCIAS

ABAHSD. Associação Brasileira para Altas Habilidades/ Superdotados. Disponível em: <<http://www.altashabilidades.com.br/>>. Acesso em: 10 março 2011.

ALENCAR, Eunice S. A gerência da criatividade. São Paulo: Makron Books, 1996.  
\_\_\_\_\_. Criatividade e educação de Superdotados, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ANJOS, Marilene dos. A inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação no sistema educacional do município de Linhares-ES. Monografia de pós-graduação *lato sensu* do curso de supervisão escolar, da faculdade Unilinhares, 2006. *mimeo*

ANTIPOFF, Helena. A educação do bem-dotado. Rio de Janeiro. SENAI. Volume V. 1992.

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 5.692/71, dezembro de 1971. Brasília, 1971.  
\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. MEC / SEESP. Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial. Área de Altas Habilidades, Série Diretrizes, vol. 9, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. MEC/SEESP. Superdotação e talento. Área de Altas Habilidades, Série Atualidades Pedagógicas. Volumes I e II, 1999.

DE BONO, Edward. Criatividade levada a sério. São Paulo: Pioneira, 1994.

\_\_\_\_\_. Ensine os seus filhos a pensar. Lisboa: Difusão Cultural, 1995.

DELORS, Jacques (Org.). Educação um tesouro a descobrir. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/ UNESCO, 2000.

EDUCA CENSO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://www.educacenso.inep.gov.br/>>. Acesso em: 10 março 2011.

FONSECA, V. Introdução às Dificuldades da Aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GÜENTHER, Zenita C. Desenvolver capacidades e talentos: Um conceito de inclusão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Desenvolver capacidades e talentos: Um conceito de inclusão. 2º ed. Revista e atualizada. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

GARDNER, Howard. Construtivismo. Disponível em: <<http://www.conex.com.br/user/gilse/>>. Acesso em 10 março 2011.

LANDAU, Érika. A coragem de ser superdotado, São Paulo, CERED, 1990.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Mirian Barbosa Tavares. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da Inclusão. In: KELMAN, Celeste Azulay [et al.]. Coord. MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 199.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

PERRENOUD, Phillipe. Pedagogia diferenciada. RS: Artes Médicas, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. 2 ed. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1984.

PRETI, Oreste. Educação a distância e globalização: desafios e tendências. In: PRETI, Oreste (org.) Educação a distancia: construindo significados. Cuiabá: NEAD/IE; Plano, 2000, p.20.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 1973.

SEDU. Espírito Santo. Secretária de Educação. Portal do Governo do Estado do Espírito Santo. Disponível em: < <http://www.educacao.es.gov.br/>>. Acesso em: 10 março 2011.

SIMONETTI, Dora Cortat. Dotação e Talento: indicadores neuropsicológicos. Vitória: GSA, 2010.

VIRGOLIN, Ângela M. R. Altas Habilidades/Superdotação: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Especial, 2007.

## APÊNDICES

### **A – Projeto do curso de formação de professores para construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/ superdotação.**

#### **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

#### **SETOR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

### **CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO.**

#### **JUSTIFICATIVA**

No município de Linhares, de acordo com o censo escolar 2009/2010, nenhuma escola municipal reconheceu alunos com AHSD. Isso revela questões sérias, uma vez que eles dependem dessa identificação para poder ter o atendimento educacional especializado e como Guenther (2006, p. 13), explícita

Em um balanço realístico dos maiores problemas atuais, como narcotráfico, corrupção, terrorismo, crime organizado, exploração de pessoas e grupos marginalizados, vamos encontrar muito talento investido nessas atividades destrutivas. Quanta criatividade, inteligência, liderança, capacidade geral são desviadas para ações contra a sociedade e contra os próprios indivíduos envolvidos. A ausência de valores claros e a aceitação implícita e indiferenciada do “certo” e do “errado”, do “bem” e do “mal”, deixa espaço para que valores nebulosos venham orientar e desenvolver essa capacidade e talento, desviando para direções contrárias ao bem-estar comum e à melhoria da humanidade.

A questão em torno do desvio da utilização da potencialidade contra a humanidade é um risco a toda uma sociedade, e é na instituição formal da educação, a escola, que precisa se organizar para modificar essa realidade tão atual e cruel. Essa organização se dá através da adoção de procedimentos de identificação e atendimento para alunos com AHSD, possibilitando a melhoria da qualidade de ensino, na perspectiva de atendimento à diversidade, com base na proposta de uma “escola para todos”.

A garantia dos direitos nas áreas da deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades superdotação não depende apenas de Lei, de Resoluções ou Políticas Públicas. Esta linearidade é apenas aparente. É preciso mais. É preciso formação continuada, intensa e integral. Professores e alunos não mudam por decreto ou por qualquer pressão externa. (GUIMARÃES, 2008)

Os estudiosos sobre o tema de altas habilidades/ superdotação, todos afirmam a importância do professor da sala de aula, no processo de identificação e também de atendimento. Portanto, esta formação tem um cunho teórico-prático para os professores e pedagogos das escolas selecionadas no ano de 2011.

## **OBJETIVO**

Proporcionar aos professores conhecimentos teórico-prático sobre alunos com altas habilidades/ superdotação para mudanças de paradigmas e assim possibilitando visões e práticas diferenciadas para a identificação e atendimento a todos os alunos com ênfase nas suas potencialidades.

## **METODOLOGIA**

Os encontros ocorrerão dia de sábado, na sede da UAB de Linhares, das 8 h às 11h.

Cada encontro terá 3 horas de duração, tendo 45 horas presenciais e 60 horas não presenciais, totalizando 105 horas de curso. As horas não presenciais serão de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, com os alunos, seguindo a proposta do currículo comum.

### **Cronograma**

| <b>DATAS</b>  | <b>AÇÕES</b>  |
|---------------|---|
| 25/04 a 07/05 | Divulgação do curso nas escolas selecionadas e período para a inscrição do curso. |
| 21/05/2011    | 1º encontro   |
| 04/06/2011    | 2º encontro   |
| 02/07/2011    | 3º encontro   |
| 30/07/2011    | 4º encontro   |
| 13/08/2011    | 5º encontro   |
| 27/08/2011    | 6º encontro   |
| 03/09/2011    | 7º encontro   |
| 10/09/2011    | 8º encontro   |
| 17/09/2011    | 9º encontro   |
| 24/09/2011    | 10º encontro  |
| 01/10/2011    | 11º encontro  |
| 08/10/2011    | 12º encontro  |
| 15/10/2011    | 13º encontro  |
| 22/10/2011    | 14º encontro  |
| 29/10/2011    | 15º encontro (FINALIZAÇÃO)  |

## **PÚBLICO-ALVO**

Professores e pedagogos das séries iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental das escolas selecionadas e abaixo discriminadas. É importante salientar que os

professores e pedagogos vão ser convidados a participar do curso, e assim seguindo o projeto **de construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/ superdotação da secretaria municipal de educação de Linhares-ES**. Isso significa que as escolas aqui referenciadas seguem uma ordem de escolha até acabarem as vagas que são 40.

1º EMEF “Cid Adalberto dos Reis”;

2º EMEF “Jerônimo Monteiro”

### **VAGAS**

Serão oferecidos 40 vagas.

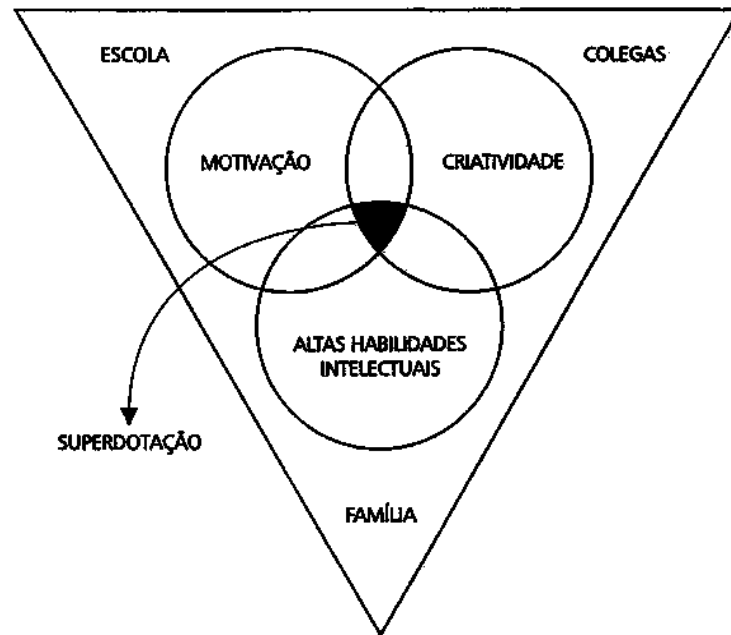
**B - Cronograma do Plano de Ação.**

| <b>PAPEL DO CRAAHS D</b>  | <b>INSTÂNCIAS</b>  | <b>CRONOGRAMA</b>            |
|---|--|------------------------------|
| Buscar assessoria   | Do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação (NAAH/S) e da Associação Brasileira para Altas Habilidades/ Superdotação (ABAHSD) situado na capital Vitória-ES.  | De março a dezembro de 2011. |
| Buscar Parcerias  | Faculdades locais (FACELI, PITÁGORAS, UNOPAR, UAB), SENAI, SENAC, SESI, IFES, Escolas de dança (UNERÊ), música e artes plásticas, empresas, escolas de informática, Eco Cidadania e sociedade civil organizada, voluntários, programa mais educação, programa cuidando de você em dois tempos, CRAS, Clubes, Escolas de idiomas, entre outros. | De junho a dezembro de 2011. |
| Formação de profissionais de educação.  | Curso construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/ superdotação  | De maio a outubro de 2011.   |
| Implementar estratégias para a identificação e atendimento das pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação; | CRAAHS D   | De abril a dezembro de 2011. |

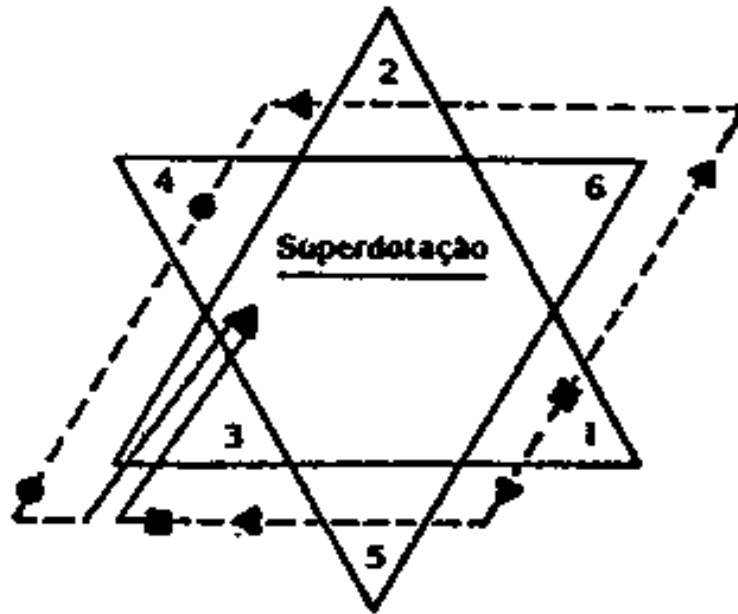
**ANEXO A – Os ingredientes de superdotação segundo Renzulli.**



**ANEXO B - Modelo multifatorial da superdotação de Mönks (apud Alencar; 1996).**



**ANEXO C - Sistema Interativo de Superdotação – LANDAU.**



**ANEXO D – FICHA DE VOLUNTÁRIO.**

**Associação Brasileira para  
Altas Habilidades/Superdotados**

**CADASTRO DE VOLUNTÁRIO**

**1. DADOS PESSOAIS**

Nome: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Ocupação: \_\_\_\_\_  
 Local de trabalho: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**2. TEMPO DISPONÍVEL:**

Horas semanais: \_\_\_\_\_  
 Preferência por dia da semana: \_\_\_\_\_  
 Preferência por horário: \_\_\_\_\_

**3. TIPOS DE ATIVIDADES PREFERIDAS, ESCREVER SIM OU NÃO**

Trabalho com pais, familiares: \_\_\_\_\_  
 Trabalho direto com crianças / adolescentes: \_\_\_\_\_  
 Trabalho com professores / escolas: \_\_\_\_\_  
 Escrita, registros, anotações: \_\_\_\_\_  
 Assistir aos facilitadores: \_\_\_\_\_  
 Tarefas gerais , avulsas: \_\_\_\_\_  
 Orientações de projetos individuais: \_\_\_\_\_  
 Acompanhar grupos de crianças: \_\_\_\_\_  
 Trabalho de base na comunidade: \_\_\_\_\_  
 Trabalho na área de informática: \_\_\_\_\_  
 Outras (descreva): \_\_\_\_\_

---

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura : \_\_\_\_\_